

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS

*REVISTA DE HISTÓRIA  
DAS IDEIAS*

VOL. I



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1977

ao mundo moderno», «Concentração defensiva de forças» e «A expansão das missões católicas de Leão XIII até à 2.<sup>a</sup> guerra mundial». Nos sécs. XIX e XX a história da Igreja católica caracteriza-se por uma luta constante acerca das relações a manter para com o mundo moderno e pela preocupação de manutenção da tradição. Neste 2.<sup>o</sup> tomo são estudados essencialmente os pontificados de Leão XIII e de Pio X. Uma série de atritos de índole interna e externa definem a história da Igreja deste curto período. Os seus autores procuram analisar as raízes das questões tratadas com o máximo de meticulosidade. Após uma introdução sobre o plano mundial de Leão XIII, suas finalidades e métodos, são objecto de estudo e análise a situação religiosa em cada país até 1914, onde é incluído um capítulo sobre a Igreja do mundo ibérico (entre renovação e reacção), a preparação dos «catolicismos» na sociedade moderna, formação e espiritualidade, o magistério e a teologia (onde se abordam os temas relativos à encíclica «Aeterni Patris», ao neo-tomismo, à neo-escolástica e às «novas filosofias» e à questão bíblica) e esperanças unionistas pontifícias. Na 2.<sup>a</sup> parte trata-se de Pio X, um papa de reforma conservadora, da sua obra reformadora, da crise modernista, e da Santa Sé e suas relações com os governos europeus. A última parte é dedicada às missões.

O *Handbuch der Kirchengeschichte* será completado com um volume sobre o período decorrido entre a 1.<sup>a</sup> guerra mundial e o Concílio Ecuménico Vaticano II.

MANUEL AUGUSTO RODRIGUES

BARTHOLOMAEUS DE MARTYRIBUS, O. P. — **Opera Omnia II. Theologica Scripta**, vols. I-VI. Ed. pelo P. Fr. Raúl de Almeida Rolo, O. P., Braga, 1973-1977.

O vol. I (XVII + 357\* + 440 pp.), publicado em 1977, depois do prólogo e de algumas indicações de carácter técnico-bibliográfico, abrange uma introdução dividida em duas partes e os textos de *Annotationes in 1<sup>am</sup> Partem, Dubia de Quolibeto* e *Appendices* e vários índices.

Como se lê no prólogo, a ideia da publicação das obras de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires não é de hoje. Já Jacques Quéatif tentara pela primeira vez, no séc. XVII, dá-las à estampa e para isso chegou mesmo a traduzir para latim as que se encontravam escritas em português. Mas não se sabe a que ponto chegaram os trabalhos daquele insigne investigador, pois Jacques Échard que continuou a monumental bibliografia dominicana, ao dar notícia de Bartolomeu dos Mártires e dos seus escritos, só diz que os apresenta pela ordem em que Quéatif pensara publicá-los. D. António Caetano de Sousa, ao falar das obras do Arcebispo de Braga, afirma ter visto «a primeira folha com os títulos delas, já impressa» e que a tentativa de publicação se fazia «em França». Certamente tratava-se dos trabalhos de Quéatif.

No séc. XVIII, D. Malachias D'Inguibert serviu-se do que fora feito por Quéatif para os *Opera Omnia* de Bartolomeu dos Mártires, impressos em Roma, em

2 vols., in-folio, dedicados a D. João V. Inguibert, com pequenas alterações, executou o que Quétif se propusera realizar.

Mas o que sucedeu é que nem Quétif nem Inguibert conheceram os inéditos teológicos do antístite bracarense, que Raúl Rolo agora editou em 6 volumes. Trata-se, por isso, de uma publicação de extraordinário interesse «não só por ser a parte mais extensa e mais rica de toda a vasta obra teológica de Bartolomeu, mas por constituir uma perfeita unidade». Depois de muitos anos de aturado trabalho e intensa pesquisa, R. Rolo conseguiu concluir esta monumental obra que muito vem contribuir para um conhecimento mais perfeito do pensamento teológico de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires, ao mesmo tempo que constitui um contributo notável para se poder compreender com maior evidência a cultura portuguesa do séc. XVI.

Os códices doutriniais de D. Fr. Bartolomeu, fruto do seu magistério, cedo se separaram do resto dos outros escritos, pois não poucos professores se vieram a aproveitar deles para a sua docência. Daí o terem passado despercebidos a Fr. Luís de Sousa na *Vida de D. Fr. Bartolomeu* e a todos os seus bibliógrafos. Em 1726 a pesquisa sistemática das obras do metropolitano bracarense levou à descoberta dos seus escritos teológicos, tendo-se decidido o seu envio para Roma a fim de se proceder à sua apreciação doutrinária indispensável ao prosseguimento da causa de canonização do seu autor. E ali repousaram durante todo este tempo no Arquivo Geral da Ordem Dominicana como que esquecidas em longa hibernação de mais de dois séculos.

No prólogo, R. Rolo faz alusão àqueles que o ajudaram na preparação da presente obra, sublinhando o decisivo apoio financeiro da Fundação Calouste Gulbenkian que se revestiu de importância capital, e sem o qual teria sido impossível levá-la a cabo.

Na 1.<sup>a</sup> parte da extensa e notável introdução, Fr. Raúl Rolo trata de «O Homem e a Obra». Começa por traçar um esboço cronológico do arcebispo Primaz (cap. I) para depois tratar da sua formação humana e religiosa (cap. II). O leitor pode assim acompanhar a sua biografia desde o início, tomando conhecimento dos estudos feitos e da sua entrada para a Ordem dominicana. A decadência religiosa que então se fazia sentir, a vida espiritual em S. Domingos de Lisboa e a profissão como frade dominicano são-nos apresentadas nos seus elementos essenciais.

No cap. III aborda o contexto ideológico da época. As principais linhas de pensamento que precederam e criaram o mundo das ideias e atitudes intelectuais surgidas nesse período — o nominalismo, o biblismo, o humanismo e o tomismo — são consideradas e analisadas com grande rigor e clareza. O nominalismo estava então em decadência. Em 1530 Luís Vives escrevia que lhe não dava mais de 20 anos, «pois a humanidade já não poderia suportar por mais tempo as aberrações e dislates a que chegara». Entretanto, travavam-se lutas aceras em Paris, em 1474, entre tomistas e escotistas ou «reais», de uma parte, e «nominais» da outra parte. E Luís XI condenava o nominalismo, proscurendo todos os livros e os seus autores, entre eles Ockam, Mirecourt, Gregório de Rimini, Buridão, Ailly, Marsílio von Inghen, Adam Goddard, Dorp e Alberto de Saxónia, ao mesmo tempo que implantava o realismo com os seus mestres e expoentes concretos: Aristóteles, Averróis, Alberto Magno, Tomás de Aquino, Egídio Romano, Alexandre de Halles, Escoto, Boaventura e outros, «cuja doutrina se devia ensinar, dogmatizar, aprender

e imitar». Mas em 1481 Luís XI levantou a proibição. No fundo, contudo, a condenação anterior tornara-se na maior propaganda do nominalismo, como o prova a autêntica explosão editorial em Paris das obras dos autores nominalistas, até 1500, em deprimimento dos escolásticos.

Os mestres da Universidade de Paris consideravam o nominalismo como a doutrina salvadora. Mas a decadência da Escola parisiense no fim do séc. XV e princípios do séc. XVI era muito mais profunda do que no séc. XIV. Os nominalistas estavam cansados e sem poder creativo. Os humanistas atacavam e punham a ridículo a sua barbárie linguística. Erasmo no *Elogio da Loucura* e noutros escritos e Luís Vives no *De causis corruptarum artium* e no *In pseudodialecticos* contestaram com violência a ignorância dos nominalistas e o seu baixo latim.

Ainda houve quem tentasse levar a cabo um trabalho eclético reduzindo a sistema único e harmonioso S. Tomás, Escoto e Gregório de Rimini. Também Pedro Margalho, português, nos seus *Escólios em ambas as Lógicas*, publicados em Salamanca, em 1520, viria a cair nessa tentação.

As afinidades de algumas teses nominalistas com a heresia protestante e o confessado ockamismo de Lutero acabaram por desacreditar o sistema e tornaram-no suspeito à ortodoxia. Acerca deste conflito entre nominalistas e realistas, escreve muito a propósito R. Rolo: «A luta acérrima e secular entre o Nominalismo e Realismo não era só, nem principalmente, provocada pelo espírito de seita, nem sustentada por questões banais de terminismo ou argúcias dialécticas ou sofisticas: era todo um sistema de pensamento que estava em causa, com fortes e comprometedoras repercussões na exploração da fé» (p. 81\*). E prossegue, pondo em paralelo S. Tomás e Ockam: «S. Tomás, com o seu talento privilegiado, penetrando na Sagrada Escritura com novos métodos de exegese, usando em profusão e profundidade os escritos dos Padres e recorrendo às fontes de Aristóteles, purificadas expressamente para ele, tinha criado uma síntese harmoniosa de pensamento e fé incorporando a Filosofia no cristianismo, criando uma Teologia como ciência, no rigoroso sentido da palavra. Ockam, o *Venerável inceptor* da *via moderna* adoptará uma posição diametralmente oposta, negando à Teologia o seu carácter científico. Isto pressupõe um determinado conceito de ciência, e este, por sua vez, uma apreciação do valor dos universais e esta, finalmente, uma peculiar teoria do conhecimento. Com Ockam, a razão e a fé perderam o seu nexos e o seu ponto de convergência» (ibid.). Tratava-se de uma teologia sofisticada e estéril que veio a criar um clima de insegurança, de cepticismo, de angústia e de náusea nos espíritos.

Como reacção contra tal concepção da teologia, surgiu o biblismo que insistia na necessidade de recorrer às fontes da Revelação. Mas alguns cairam num biblismo absoluto e exclusivista, como foi o caso do Cardeal Pedro d'Ailly, de Gerson e de outros. João de Goch e João de Wessel situam-se na mesma linha: não era de crer nem nos Santos Padres, nem nos concílios, mas só na Sagrada Escritura.

R. Rolo passa em seguida a considerar o humanismo, que aparece «perante esta agonia do pensamento, da doutrina e da cultura». Como escreve: «Os humanistas, no seu gosto pelo clássico, ridicularizaram a barbárie linguística reinante; no seu «regresso às fontes» não só atacaram a sofisticada falaciosa, mas eliminaram também inconsideradamente o serviço que a sã cultura e a verdadeira filosofia podiam e deviam prestar à ciência divina» (p. 84\*). E continua: «Na sua atitude de repulsa com negações globais, envolveram tudo sob a designação genérica de «escolástica»,

mostrando-se incapazes de descobrir que era precisamente no campo dessa «escolástica» que residiam virtualidades bastantes, principalmente no Tomismo, para uma restauração equilibrada e fecunda da ciência divina. Só com História, Gramática e Retórica, mesmo postas ao serviço das fontes da revelação, não se pode construir a ciência sagrada da Teologia» (ibid.). Melchior Cano, Vitória, Domingos de Soto, Bartolomeu de Medina, etc. são alguns nomes de teólogos daquele período que punham sérias reservas aos trabalhos dos humanistas no concernente às suas interpretações teológicas.

Nem o nominalismo nem o evangelismo franquearam as portas do *Studium* onde Bartolomeu se formou. E quanto ao humanismo, «os elementos que por então se detectavam em Portugal eram ainda tão difusos e suspeitos que dificilmente penetrariam nos umbrais do Studium de S. Domingos». R. Rolo desenvolve largamente o que foi a penetração do humanismo em Portugal e na Espanha. E diz a concluir: «Mas é necessário reconhecer lealmente o enorme serviço que os humanistas prestaram ao ressurgimento teológico, não só com o sarcasmo mordaz ridicularizando a barbárie da «língua parisiense», estimulando os teólogos a cuidarem mais o estilo, e com a crítica do texto sagrado, facilitando a sua melhor inteligência, mas sobretudo por terem arejado a temática do pensamento cristão, abandonando definitivamente as «questiúnculas de lana caprina» para aplicarem o espírito aos grandes problemas morais, religiosos, jurídicos, políticos e sociais do seu tempo» (p. 91\*). E dá o exemplo de Vitória: «Na sua cátedra, as páginas da *Suma* embora sem grandes alturas metafísicas, que ele aborrecia, palpitam de nova vida e empolgam uma juventude que na geração seguinte subirá às cátedras a repetir as postilas do Mestre. Mas a novidade da temática de Vitória resplandece sobretudo nos assuntos escaldantes das suas *Relectiones*, essas conferências solenes pronunciadas duas vezes no ano em presença do pleno da Universidade. O poder civil, o poder eclesiástico, o conciliarismo, a paz e a guerra, a simonia, a colonização e a evangelização, etc., são temas de flagrante actualidade a que Vitória aplicou o seu espírito original e penetrante, iluminado pelos seus princípios da Filosofia e da Teologia que lhe permitiram resolvê-los com equilíbrio e segurança em peças doutrinárias que ficaram clássicas e que ainda hoje se lêem com gosto e proveito. Mas só se pôde chegar aqui por caminhos muito diferentes dos do puro Biblismo ou Humanismo» (pp. 91\*-92\*).

O tomismo é objecto de uma análise minuciosa de R. Rolo, procurando oferecer um relance retrospectivo das vicissitudes da principal escola propulsora da restauração católica do séc. XVI. Merece-lhe particular atenção a atitude das Universidades de Heidelberg e de Colónia, das quais o tomismo irradiou para os centros culturais da Europa após um período de grande decadência. Em Pavia e em Lipsia, e até mesmo em Paris, a doutrina de S. Tomás foi a pouco e pouco recuperando prestígio e aceitação, para o que contribuiu em larga medida a acção da própria ordem dominicana. Também na Península, o tomismo está presente desde muito cedo. R. Rolo recorda que o Infante D. Pedro no seu *Trauctado da Virtuosa benefectoria* manifesta o realismo tomista que se ensinava em S. Domingos de Lisboa nas primeiras décadas do séc. XV. Por meados do mesmo século, João de Torquemada foi considerado primeiríssima figura da teologia. Algumas oportunas referências à Universidade de Salamanca esclarecem admiravelmente este ponto. E assim, o tomismo, «sobrevivendo penosamente entre movimentos dou-

triniais e culturais que desde o século XIV eclodiram na Europa, fez a sua caminhada histórica até aos umbrais do século XVI no qual, como fénix, se reergueu das suas próprias cinzas» (p. 103\*).

«A queda do Nominalismo, o descrédito do Biblismo e a inoperância teológica do Humanismo, juntamente com a ascendência intelectual das escolas clássicas de teologia da linha «realista», especialmente o Tomismo e o Escotismo, criaram as condições propícias à hegemonia cultural destas escolas, principalmente do Tomismo, no séc. XVI, movimento intelectual justamente denominado «Segunda Escolástica» — escreve R. Rolo, ao iniciar a análise do tópico «Restauração escolástica». O seu primeiro objectivo foi de signo teológico, como se pode ver nas obras de Caetano, de Pedro Crockaert, de Domingos de Soto, de Melchor Cano, etc. Depois de se referir à superação da crise, em que a acção de Caetano e do Ferrariense foram decisivas, e em que a introdução da *Suma* em lugar das *Sentenças* nas Universidades de Salamanca, de Sevilha, de Alcalá e de Coimbra representou um passo muitíssimo importante, R. Rolo fala do tomismo de penetração. Foi no espaço de duas gerações intelectuais consecutivas que a restauração do Tomismo se processou; a primeira inicia-se com o magistério de Caetano, lendo a *Suma* de S. Tomás na Universidade de Pavia, em 1497; a segunda começou dez anos mais tarde, quando Crockaert assumiu a cátedra de Teologia em Santiago. Depois de uma breve resenha da obra de Caetano, de Conrado Koellin e do Ferrariense, escreve R. Rolo: «Esta tríade de grandes mestres empenhou o seu talento e as suas vigílias na penetração e exposição da síntese filosófico-teológica de Tomás de Aquino, preocupada essencialmente com uma interpretação ortodoxa, mas pouco existencial, sem grande sentido da sua aplicação concreta aos problemas coevos: novas heresias, reforma eclesiástica, relações com os povos recém-descobertos, evangelização de um mundo onde nunca chegara a boa-nova do Evangelho, etc.» (p. 115\*).

O tomismo funcional, ou seja, mais preocupado com os reais problemas dos homens e da Igreja, é a outra ala da restauração tomista. Foram seus principais representantes Pedro Crockaert, Domingos de Soto, Vitória, etc.

Não podia faltar uma palavra sobre o estado da Universidade portuguesa e o nível da cultura eclesiástica em geral e mesmo na Ordem de S. Domingos para se compreender melhor o contexto ideológico em que Bartolomeu se formou. É o que R. Rolo nos fornece nas páginas seguintes com grande poder de síntese e de objectividade.

O cap. IV é consagrado aos «Estudos filosófico-teológicos de Bartolomeu». Interessava, antes de mais, dizer como se encontrava S. Domingos de Lisboa, o que permitirá vislumbrar o ambiente intelectual em que Bartolomeu fez os seus estudos. No parágrafo dedicado à tradição pedagógica, somos informados, entre outras coisas, acerca do dia do estudante, das disputas dos mestres e dos círculos dos estudantes e do *sermão*, exercício escolar específico da Ordem dominicana. No § 2 trata-se do plano de estudos, com considerações muito esclarecedoras sobre o curso filosófico e o curso teológico. No § 3 desenvolve o tema «Formação filosófico-teológica», dizendo-nos como se conseguiu superar a crise em que se encontrava o *Studium* de S. Domingos, e fornecendo os elementos indispensáveis sobre o funcionamento da vida escolar ali. Como escreve, pode concluir-se «que o curso teológico de Bartolomeu, em S. Domingos de Lisboa, não passou de um curso modesto, rigorosamente moldado pelos cânones herdados do século XV, e baseado

no próprio texto da *Suma* de S. Tomás, como era já tradição na Ordem, procurando explaná-lo com notas breves, tomadas dos comentadores clássicos, Paludano e Capreólo e dos então actuais, Caetano, o Ferrariense e Conrado Koellin». Só depois, quando já era professor na Batalha e preceptor do Prior do Crato em Évora é que Bartolomeu se pôde abrir às novas correntes teológicas da época, pois antes isso era-lhe de todo impossível. Conclui, pois, R. Rolo: «Só o esforço, a estudiosidade durante os seus quinze anos de professor de teologia e a extraordinária ânsia de saber nos podem explicar a justa reputação de teólogo profundo e doutíssimo de que gozou em Portugal e no Concílio de Trento» (p. 176\*).

O cap. V é dedicado à actividade de Bartolomeu como professor. Primeiro no *Studium* dominicano como leitor de Artes e como professor de Teologia, falando R. Rolo a propósito do «*Studium* dominicano», da hierarquia do «*Studium*» e da graduação de Bartolomeu. Depois, como mestre de D. António, Prior do Crato. E, finalmente, como catedrático no *Studium* da Batalha, a partir de 1542, indicando-nos a cronologia das suas leituras.

O cap. VI é um balanço teológico da obra e da actividade docente de Bartolomeu dos Mártires. Por aí se pode ver como se processou a sua evolução intelectual, desde as *Annotationes in 1<sup>am</sup> Partem* aos *Scripta super 4<sup>um</sup> Sententiarum* e às *Annotationes super 1<sup>am</sup> 2<sup>ae</sup> e 2<sup>am</sup> 2<sup>ae</sup>*. Lê-se na conclusão: «Fr. Bartolomeu dos Mártires de ânimo perscrutador, de infatigável persistência no trabalho e de uma abertura extraordinária a todos os valores autênticos, fez por si próprio uma longa caminhada na evolução e no progresso da teologia dentro da escola dominicana portuguesa. Graças a esse espírito aberto e atento a todas as inovações válidas, criteriosamente adoptadas, o obscuro *Studium Particulare* do Convento da Batalha alcançou os centros intelectuais mais actualizados do seu tempo, no campo da teologia. Por mérito de Bartolomeu, o modesto *Studium* da Batalha, foi promovido, no Capítulo Geral de Salamanca, a *Studium generale* apto a preparar para os graus académicos, como uma universidade (p. 241\*). Ao passo que Martinho de Ledesma inaugurou o ensino de S. Tomás em Coimbra, em 1541-1542, Bartolomeu dos Mártires iniciou-o na Batalha apenas um ano depois, o que é deveras significativo.

Mas como para Bartolomeu a ciência sagrada, mais que uma bela e sublime teoria, era uma regra e estímulo eficaz de acção, ele como padre-teólogo compreendeu como poucos o que se estava a passar na vida da Igreja, e sentia como ninguém a urgência de acudir à decadência em que mergulhara a Cristandade. Esta reclamava um concílio, e iria ser precisamente em Trento que ele, «uomo dotto e di santissima vita», havia de manifestar a sua vastíssima cultura teológica e as suas profundas preocupações de pastor de almas. Os temas relativos à Eucaristia, à Missa, à Ordem, à Reforma e ao Matrimónio, que ele desenvolvera nas suas aulas anteriormente, foram tratados em Trento, e neles Bartolomeu interveio com rara lucidez e invulgar energia. A sua teologia contribuiu para o celebrar na maior e mais transcendente assembleia do seu século. «A documentação revela-nos, à saciedade, que a assembleia conciliar admira a fortaleza do seu ânimo, edifica-se com o seu teor de vida e com a virtude que irradiava da sua pessoa, escuta-o e inclina-se com respeito perante o seu profundo saber teológico» (p. 266\*).

No cap. VII aborda o tema relativo à obra escrita de Bartolomeu dos Mártires. Após uma oportuna nota histórica, trata das obras impressas, dos manuscritos inéditos conhecidos, dos manuscritos não localizados e do epistolário. Ao todo,



42 títulos de obras, 35 originais e 7 compilações, e mais de 50 cartas conservadas. O que constitui «um honroso índice bibliográfico para quem na sua vida se consumiu não apenas com os livros e labores de cátedra, mas durante vinte e três anos também se afadigou pelas serranias da então vastíssima Arquidiocese de Braga lutando, noite e dia, com as intempéries da natureza e mais arduamente ainda com homens destemperados a quem o Primaz tinha de fazer face para arrancar vícios e implantar a ordem nova por ele tão acerrimamente defendida em Trento» (p. 316\*). Mas mais de metade dos seus escritos consideram-se hoje perdidos. Oxalá um dia eles reapareçam.

A 2.<sup>a</sup> parte da introdução que temos vindo a analisar é consagrada à explicação da presente edição: a motivação, a realização, a ampliação do projecto, o título geral da publicação, a distribuição do texto, a ordem da publicação e os índices. Os trabalhos começaram no ano do 4.<sup>o</sup> centenário do encerramento do Concílio de Trento, «precisamente a efeméride que alertou os espíritos para o interesse desta publicação». No Concílio Vaticano II, os bispos portugueses ofereceram a todos os bispos presentes no Vaticano II uma edição do *Stimulus pastorum* de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires. Mas a publicação dos inéditos de teologia do insigne Arcebispo de Braga foi, sem dúvida, a iniciativa mais relevante que, ao mesmo tempo que comemora a realização do concílio tridentino, recorda de maneira extremamente condigna a grande figura de Bartolomeu dos Mártires.

A tenacidade e força de vontade de Raúl Rolo se fica devendo esta importantíssima publicação.

Seguem-se neste vol. I os textos das *Annotationes in 1<sup>am</sup> Partem*, os *Dubia de Quodlibeto* e os *Appendices* precedidos de uma bibliografia da introdução e da introdução propriamente dita, na qual se fala do códice, da sua história, da cronologia, das fontes, do significado da obra de Bartolomeu e da edição. Aí se nos deparam informações extremamente úteis e proveitosas sobre os referidos textos e o pensamento teológico de Bartolomeu. Termina este vol. I com uma relação dos autores e das obras citadas por Bartolomeu, um índice das citações bíblicas, de S. Tomás, de Aristóteles e de Direito Canónico; e outros de autores, de nomes, de assuntos e, finalmente, um geral de toda a obra. Estes índices, elaborados com todo o pormenor e grande sentido de rigor, valorizam sumamente a obra.

O vol. II, sobre *Annotationes super 1<sup>am</sup>-2<sup>ae</sup>* (Braga, 1973, XXXVIII + 611 pp.), depois da apresentação da bibliografia e da indicação das siglas bibliográficas e dos sinais peculiares, abre com uma introdução em que se faz uma descrição do códice e uma breve recapitulação da história e da cronologia da sua composição com um balanço sumário do seu significado no conjunto da obra do autor. Acerca do significado na obra de Bartolomeu, escreve R. Rolo, focando a importância fundamental no conjunto dos seus escritos: «Aqui, Bartolomeu manifesta já uma preferência e carinho especiais pela teologia moral e revela a sua competência, preparação filosófica e segurança de critérios de moralista abalizado, com singular tacto na selecção e utilização das fontes, impondo-se como teólogo consciencioso e perfeitamente actualizado» (p. XXVII). Uma série de índices do género dos apontados para o vol. I, acrescido de um de Direito Civil e outro de Direito Canónico, encerra este volume.



O vol. III sobre *Annotata in 2<sup>am</sup>-2<sup>ae</sup> (qq. 1-63)* (Braga, 1974, XLVI+644 pp.) começa como o anterior com a indicação da bibliografia, a introdução e as siglas e sinais peculiares. Os mesmos tópicos relativos ao códice, história, cronologia, etc. ocupam a introdução. Trata-se de elementos muito válidos para uma justa compreensão da obra.

O vol. IV sobre *Annotata in 2<sup>am</sup>-2<sup>ae</sup> (qq. 64-154)* (Braga, 1974, pp. 653-1383) é a continuação do anterior. Termina com uma série de índices idênticos aos referidos para o vol. II, os quais dizem respeito aos vols. III e IV.

O vol. V sobre *Scripta super 4<sup>um</sup> Sententiarum (4 P., qq. 60-10 Suppl.)* (Braga, 1975, XLII + 781 pp.) inicia-se com as mesmas indicações já feitas para os vols. I, II e III e com uma introdução do mesmo tipo. Neste volume pode-se ver como Bartolomeu encarou a nova problemática criada com a doutrina de Lutero acerca dos sacramentos e de outros pontos da fé católica e certa atitude de hipercrítica, como a de Erasmo, de Beatus Rhenanus, de Lourenço Valla e até de Caetano. Como diz Raúl Rolo: «Esta pureza na fidelidade aos princípios, à luz de uma síntese ampla, iluminada de todos os valores morais e humanos, deu à teologia sacramentária de Bartolomeu aquele equilíbrio de integridade e de moderação que já descobrimos noutros tratados seus de teologia» (pp. XXXVIII-XXXIX). Um índice geral encerra o presente volume.

O vol. VI sobre *Scripta super 4<sup>um</sup> Sententiarum (Suppl. qq. 11-68)* (Braga, 1975, pp. 793-1485) continua o precedente. A fechar, encontramos os mesmos índices como nos volumes anteriores, os quais abrangem os vols. V e VI.

Estamos perante uma obra de muito mérito e digna dos maiores encómios. Com primorosa apresentação, com introduções extremamente ricas de conteúdo doutrinal e cultural e com índices muito completos, a presente edição fica a constituir um marco notabilíssimo para os estudos bartolomeanos e para a história da Teologia e da Cultura em Portugal. O Rev. P. Fr. Raúl de Almeida Rolo é, pois, merecedor das nossas felicitações muito sinceras pela obra tão valiosa que realizou.

Para facilitar aos estudiosos o acesso à parte mais importante da introdução do vol. I (primeiras 316 pp.), R. Rolo resolveu, e muito bem, fazer uma tiragem especial (*Formação e vida intelectual de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*, Porto, 1977) que, juntamente com os seis volumes dos *Theologica Scripta*, foi apresentada durante o I Encontro sobre História Dominicana, realizado na Batalha e Fátima, em 1 e 2 de Outubro de 1977.

MANUEL AUGUSTO RODRIGUES